



## Fernando Couto: Esboço para um retrato

António Sopa<sup>1</sup>

A Beira, que tem a sua origem na povoação do Bangué, localiza-se numa estreita faixa de terreno junto à foz do rio Pungoé, na sua margem esquerda. A sua existência deve-se à posição privilegiada, numa futura rede de transportes ferro-portuários, servindo o interior do continente, tal como estava previsto no Tratado Anglo-Português de 1891.

Encerrado o ciclo de governação da majestática “Companhia de Moçambique” em 1942, o governo português procedeu ainda ao “resgate” do porto da Beira, em 1948, que tinha sido explorado durante quase meio século pela “Beira Works” e, no ano seguinte, adquiriu a linha do caminho de ferro, à então “Beira Railway”. No seu seguimento, procedeu-se ao reequipamento e modernização do material ferroviário e, no caso do porto, à sua expansão, com a construção dos cais 6 e 7. Ainda hoje, a infra-estrutura ferro-portuária, agora concessionada a uma empresa privada, marca de forma indelével a fisionomia da cidade.

No início dos anos 50 do século passado, a Beira era uma urbe em franco crescimento. Se até então a sua população repartia a sua actividade pelos serviços ferro-portuários, a que se juntava ainda algum funcionalismo e comércio, a partir de então a cidade vê diversificarem-se as suas actividades económicas. A própria “Companhia de Moçambique”, terminado o ciclo da sua governação dos chamados “Territórios de Manica e Sofala”, corolário natural da política nacionalista do regime do Estado

### Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco  
Vanessa Ribeiro Teixeira

### Editores Associados

Ana Mafalda Leite  
Celso Muianga  
Sara Laisse

<sup>1</sup> António Sopa nasceu na cidade da Beira, em 1955. Licenciou-se em História, com especialidade em documentação, pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Fez a sua carreira no Arquivo Histórico de Moçambique. Foi docente nos ensinos secundário e universitário. É autor do livro: *A Alegria é uma Coisa Rara: Subsídios para a História da Música Popular Urbana em Lourenço Marques (1920-1975)*. Maputo: Kulungwana, 2014.

Novo, virá a constituir um conglomerado de empresas, algumas sob a sua administração directa, como era o caso da “Companhia das Águas” e da “Sociedade de Turismo de Moçambique”, proprietária do mediatizado “Grande Hotel”, e accionista de outras importantes companhias, como “Sociedade Agrícola de Chimoio e Manica”, “Companhia Nacional Algodoeira”, Companhia Carbonífera de Moatize” e “Entrepósito Comercial de Moçambique”.<sup>2</sup>

Neste período, a população da cidade registou um assinalável crescimento, fruto das novas políticas do governo português, que encarava a migração para as suas colónias africanas como uma das soluções para o excesso populacional da metrópole. Mas seria o “desenvolvimento sem precedentes nas colónias” a “retração dos países americanos de acolhimento” a novas vagas de migrantes, a justificar que uma parte da migração portuguesa se dirigisse para Angola e Moçambique, após o segundo conflito mundial.<sup>3</sup>

No caso da cidade da Beira, o aumento populacional foi ainda resultado, em grande medida, do final da concessão da “Companhia de Moçambique” e das mudanças derivadas da “nacionalização” do porto e caminhos de ferro. Assim, no período compreendido entre 1950 e 1960, a população de “civilizados” quase que duplicou, passando de 11.505 europeus e assimilados, para 20.800, em 1960.

No caso de Manica e Sofala, existia ainda uma particularidade que se prendia com uma percentagem relativamente elevada de brancos não-portugueses, compreendendo particularmente os britânicos, apesar duma tendência visível para alterar essa situação, ao mesmo tempo que se procedia à “nacionalização” dos seus habitantes, das práticas políticas e do idioma “oficial”. Mas ainda assim, essa situação eternizar-se-ia no tempo, com a influência britânica a continuar a pairar no “ambiente social, nas relações humanas, na organização do quotidiano e nos hábitos de vida”.<sup>4</sup>

Em resultado do aumento excepcional de colonos e da paralisação na construção civil, desde os inícios da década de 1940, quando a Companhia de Moçambique decidiu reduzir os vencimentos dos seus funcionários, ocorreu uma grave crise de habitação.

Inicialmente, devido à falta de materiais de construção, as casas edificadas eram todas feitas de ferro zincado e ondulado e madeira, daí a cidade da Beira ser conhecida, durante os seus primeiros anos de existência, pela “cidade do zinco”. Apesar desta situação começar a alterar-se na década de 50, com a construção de novos edifícios

---

<sup>2</sup> O administrador-delegado da Companhia de Moçambique, com Eduardo Henrique Serra Brandão concedeu uma entrevista à imprensa da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, 16 de Setembro de 1959, p. 1 e 7.

<sup>3</sup> CASTELO, Cláudia. *Passagens para África: O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da Metrópole (1920-1974)*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 117.

<sup>4</sup> CASTELO, Cláudia. p. 229.

de alvenaria, fruto das novas imposições legais, muitas das quais em resultado das novas medidas sanitárias adoptadas, da aprovação do seu plano de urbanização, da abertura do seu foral e pelos empréstimos concedidos pelas entidades respectivas, a situação continuava a ser bastante grave.<sup>5</sup>

Em consequência desta situação, muitos colonos viviam ainda em “condições muito deficientes”, albergando-se em casas de madeira e zinco, numa grande promiscuidade, já que havia 4 e 5 famílias a viverem em “miseras” habitações ou “em palhotas que só por indígenas deveriam ser utilizadas”. Assim, como resultado imediato, ocorreu o aumento das rendas de casa, atingindo quantias exorbitantes, “não se conseguindo uma modesta habitação por menos de 2.000\$00, e estas só em zonas afastadas do centro da cidade”, como eram os casos do Macúti, Esturro, Matacuane e Munhava, ou ocupando as “dependências destinadas exclusivamente aos serviços indígenas”.<sup>6</sup>

Por isso, a Beira era então considerada a cidade com um nível de vida dos mais elevados entre as cidades portuguesas da época.

## O movimento cultural beirense

Apesar de todas as suas debilidades, o aumento do número de colonos provocou o surgimento de um movimento, tendente a interessar a comunidade local pelas diversas actividades culturais e artísticas.

Este dinamismo, que se torna visível a partir da segunda metade da década de 50, espalhou-se em diversas direcções, em resultado da actuação dos diferentes agentes envolvidos, como seja o governo central, o município local e, finalmente, a pequena elite branca, entusiasta pelas diferentes manifestações culturais e artísticas. Lembrando esse período, o escritor Ascêncio de Freitas afirmaria que o mesmo foi liderado e constituído unicamente por europeus, apesar das diferenças de que eram portadores e que os dividiam. E justificava este facto do seguinte modo:

Porque os africanos não tinham qualquer instrução a nível médio superior. Não deve esquecer que a existência do liceu da Beira é posterior a isto que lhe estou a contar. Até a independência não tive notícia de qualquer moçambicano negro que se fizesse notar culturalmente na Beira. Nem depois da independência, se excluir o caso do Miguel Murupa e do Armindo Caetano de Sousa, dois

---

<sup>5</sup> SOPA, Eugénio Rodrigues. Façamos da Beira uma grande e próspera cidade. *In: Diário de Moçambique*, Beira, ano 1, nº 1, 24 de Dezembro de 1950, p. 1 e 9.

<sup>6</sup> AHM – Inspecção dos Serviços Administrativos e dos Negócios Indígenas – Relatório da Inspecção Ordinária à Câmara Municipal da Beira, por Adelino Santos Ferrão Castel- Branco, 1951, p. 1 e p. 9.

casos especiais surgidos muito depois da época a que me refiro e que não tiveram qualquer influência em nenhuma manifestação cultural.”<sup>7</sup>

Entre as iniciativas de âmbito do governo central, a mais importante foi, provavelmente, a criação do ensino secundário na cidade, tendo-se construído dois imponentes edifícios, para albergar uma escola técnica e um liceu, na zona de Matacuane

Porém, esta dinâmica tinha-se iniciado muito antes, na segunda metade da década de 1930, após a morte do benemérito da cidade, Dr. José de Araújo de Lacerda, que impôs à Câmara Municipal o encargo de fundar e manter uma escola preparatória comercial e industrial que “desse instrução mas não fizesse doutores”. No seu seguimento, em Novembro de 1935, foi enviado um funcionário da municipalidade a Lourenço Marques, para ouvir a opinião do Director dos Serviços de Instrução Pública da colónia sobre este assunto.

No encontro com essa autoridade, optou-se pela criação dum liceu municipal, tendo anexo ao mesmo um curso prático comercial. O Governo central autorizou que esta ideia se concretizasse, de acordo com o modelo já existente em Lourenço Marques (Escola Sá da Bandeira), desde que o município beirense suportasse na íntegra as despesas com a sua criação e manutenção. Perante esta decisão, não se avançou mais com este assunto, pois a Câmara não podia suportar sozinha com os encargos que a mesma comportava.

Este assunto voltaria novamente à baila, no início da década de 1940, em resultado das escolas da Rodésia do Sul, onde se encontravam numerosos estudantes beirenses, terem estabelecido novas e mais onerosas propinas, o que tornava esta situação incomportável para muitos pais das mesmas.<sup>8</sup>

A escola técnica viria a ser uma realidade, funcionando na antiga residência de madeira e zinco do governador, que acabaria por arder. Mas apesar do carácter de urgência que se impunha, esta só viria a ser criado pelo governo central cerca de quinze anos mais tarde, com a existência da Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade e do Liceu Pêro de Anaia.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Ascêncio de Freitas. *In: Moçambique: Encontro com escritores*, por Michel Laban. Porto: Fundação Eng<sup>o</sup> António de Almeida, 1998. vol. 1, p. 96 e segs.

<sup>8</sup> O problema do ensino secundário na Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 5 de Setembro de 1940, p. 4: Instrução: Escola Técnica Profissional. *In: Notícias da Beira*. Beira, 19 de Setembro de 1940, p. 2. Ensino Técnico Profissional. *In: Notícias da Beira*. Beira, 21 de Outubro de 1940, p. 2.

<sup>9</sup> A Escola Industrial e Comercial e Industrial Freire de Andrade foi criada em 16 de Outubro de 1954 e o Liceu Pêro de Anaia em 29 de Abril do ano seguinte.

Para além do grande número de estudantes que passaram a frequentar localmente o ensino secundário, alguns dos elementos do seu corpo docente participaram activamente nas diversas actividades culturais que então começavam a surgir. Um dos casos mais conhecidos, é o do célebre cantor português Zeca Afonso, que entre 1964 e 1967 residiu na Beira, tendo sido docente do liceu local. Segundo depoimento de Álvaro Simões, este procedeu a recolhas do cancioneiro da população negra local, tendo ainda elaborado quatro músicas para a peça teatral “Excepção e a Regra”, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, estreada na cidade, em 23 de Agosto de 1966, posteriormente incluídas em alguns dos discos do autor.<sup>10</sup>

No domínio da iniciativa municipal, podemos referir-nos à existência duma Biblioteca Municipal, designada então por “Dr. Araújo de Lacerda”, cuja inauguração ocorreu em 29 de Dezembro de 1952. No entanto, tinham ocorrido anteriormente outras tentativas. Em Julho de 1948, os espólios dessas iniciativas anteriores foram transferidos dos arquivos do Governo de Manica e Sofala para a Câmara Municipal. Dois anos mais tarde, em Novembro, foi convidada Lia Tavares a proceder à sua organização, sendo o espólio constituído por cerca de 800 volumes.<sup>11</sup> A bibliotecária era de origem polaca, e tinha traduzido directamente do russo a novela “O dia do juízo”, do escritor Vladimir Korolenko.<sup>12</sup> Na Beira, Lia Tavares viria a ter também uma importante participação em outras actividades de carácter cultural.

Ainda por iniciativa camarária, foi criado o Museu Municipal, cuja existência remonta à primeira década do século passado, destinado à “exposição dos produtos do Território”. Na década de 1930 já se encontrava instalado na sala de sessões da Comissão Administrativa Urbana. Este viria a ser removido aquando das obras realizadas no edifício da Câmara Municipal, não se tendo retomado a iniciativa. Apenas em Agosto de 1957 foi deliberado o seu estabelecimento, tendo-se determinado o local onde seria construído o seu edifício, criando-se uma comissão para proceder à pesquisa e classificação dos elementos que pudessem interessar ao museu, constituída por Artur Leotte Ramos, Manuel Pinho, inspector Rovisco de Andrade, Dr. Álvaro Falcão Sacadura, José Oliveira da Silva, Alberto José da Silva, arquitecto Bernardino Ramalhete e Fernando Bermudes.

O edifício para a instalação do museu foi sempre a grande limitante, mesmo depois da sua inauguração, já que o espaço onde viria a instalar-se era exíguo para a quantidade das peças existentes. O mesmo viria a ser inaugurado em Dezembro

---

<sup>10</sup> José Afonso em Moçambique (1964-1967) 1|3 - Youtube, Associação José Afonso, 6 de Abril de 2009. Uma outra personalidade que leccionou no liceu local foi a escritora Lídia Jorge. Não sabemos da sua participação na vida cultural local, mas anos depois publicaria um romance – *Costa dos Murmúrios* - ancorado na realidade local.

<sup>11</sup> A Biblioteca mMunicipal da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, nº especial, 17 de Agosto de 1957, p. 19-20.

<sup>12</sup> LISBOA, Eugénio. Lisboa, 2013. p. 50-51.

de 1965, na sobreloja da Biblioteca Municipal, contendo diversas secções, como numismática, conquiobiologia, paleontologia, etnografia, mineralogia, arqueologia e história. Possuía ainda várias relíquias trazidas da Fortaleza de Sofala, a primeira a ser construída pelos portugueses na costa oriental africana.<sup>13</sup>

Mas foi por iniciativa e dinamismo de alguns membros da comunidade branca que podemos apontar a criação do Cine-Clube da Beira, do Centro de Cultura e Arte da Beira e dum grupo de teatro de amadores, orientado pelo advogado Malaquias de Lemos, que viriam mais tarde a estar alojados no Auditório de Cultura e Arte. Ascêncio de Freitas, no seu testemunho, tenta fazer um rol de algumas das personalidades envolvidas nestas iniciativas:

[...] na Beira houve uma fase muito criativa. Foi por essa época que publiquei o meu primeiro livro e decorreu entre 59 e 62, altura em que se juntou na Beira um grupo de pessoas com bastante interesse pelas coisas da literatura, embora de tendências muito diversas, como é o caso do velho Marcial Ermitão, que era o chefe de fila da oposição visível ao regime de então, o Carlos Barroso, o Eugénio Lisboa, o Costa Campos, o Joaquim Quitério, o Fernando Couto, o Nuno Bermudes, o José Capela, o Monsenhor Ferreira da Silva, que hoje é bispo, salvo erro, o Forte Faria, o militar menos militar que até hoje conheci; o Salinas de Moura, o Nunes de Carvalho, o Nunes Cordeiro, o Carlos Lança e o Homero Gordino, o Apolíneo Gouveia, o Jorge Vila, o Fernando Sabino, o Artur Costa, o João Afonso dos Santos, irmão do Zeca Afonso, que também por lá passou um pouco mais tarde, o Pereira Nina, o Geraldês de Carvalho. Era um grupo relativamente grande em relação ao meio da Beira, que depois se foi dispersando. Mas enquanto existiu permitiu uma grande aproximação e convívio (apesar da divergência de opiniões políticas) que considero muito importante, comparado com a apatia e a total indiferença anterior e a que veio a acontecer logo depois. Esteve por lá também nessa altura o salvo erro hoje coronel Machado, que era então capitão e chefe da polícia. Deve ter vivido momentos bem desagradáveis, porque era indivíduo dado à poesia, que convivia com o resto do grupo e de vez em quando tinha que assinar umas contra-fés para chamar os seus companheiros das lides literárias a interrogatórios e, algumas vezes, até a mandar prender alguns. Essa experiência deve-o ter feito pensar e julgar a outra luz a sua função policial.

Houve depois dessa dispersão uma espécie de morte prematura da agitação cultural que aconteceu por essa época, que depois se

---

<sup>13</sup> A Biblioteca Municipal da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, nº especial, 17 de Agosto de 1957, p. 19 e p. 20.

transferiu para Lourenço Marques, onde passaram a acontecer praticamente todas as actividades culturais, exceptuando as sessões do cine-club e uma ou outra encenação teatral.<sup>14</sup>

Vale a pena perdermos algum tempo a detalhar estas iniciativas, já que as mesmas foram fundamentais na vida cultural da cidade, até 1975, altura em que se deu a independência de Moçambique.

O Cine-Clube da Beira, que passa por ser o mais antigo da África Oriental, foi fundado em Fevereiro de 1956. Ainda em organização, realizou a sua primeira sessão no Cinema “Palácio”, com a exibição do filme “Antes do Dilúvio”. Numa “explicação” distribuída no decorrer desta sessão, a Comissão Organizadora reconhecia que esta era o “meio prático e eficaz mais indicado para a união de todas as pessoas que estão, ou possam vir a estar interessadas na actividade do Clube”. Aparentemente, a aprovação dos estatutos fez-se sem dificuldades de maior, talvez pelo “facto de a Beira ir ter um “cine-club” antes de Lourenço Marques”.<sup>15</sup> Segundo a memória do advogado João Afonso dos Santos, este constituía um “espaço alternativo a um quotidiano limitado” e era ali que se encontrava o “pessoal mais consistente, no plano cultural e político, se bem que avesso a manifestações públicas”.<sup>16</sup> Entre os seus entusiastas, encontravam-se Manuel Noronha Marques, Nunes Cordeiro, Joaquim Elias e Álvaro Simões. Fernando Couto integra, sem dúvida, este grupo inicial de entusiastas, tendo uma activa participação na vida do clube, dando a conhecer as actividades por ele realizadas, os seus projectos e abordando questões técnicas relativas ao cinema como arte. Ainda em Maio de 1955, o poeta publicará uma crónica num jornal local, abordando precocemente a necessidade da sua existência:

Ora para se estudar a obra do cinema, como acima se disse, é indispensável a existência e o funcionamento de um cine-club [sic] única maneira de periodicamente e com proveito se rever os clássicos do cinema. [...] O que se torna necessário é a fundação de um cine-club na Beira, à semelhança dos que as principais cidades metropolitanas já têm. De resto, a actividade desse clube de cinema seria o corolário lógico das outras obras já em pleno funcionamento nesta cidade – o Círculo de Cultura Musical, a Biblioteca e as exposições que a Câmara Municipal tem vindo a fazer.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> FREITAS, Ascêncio de. 1998, vol. 1. p. 96 e segs.

<sup>15</sup> LISBOA, Eugénio. 2013, p. 61.

<sup>16</sup> SANTOS, João Afonso dos. *O último dos colonos: Até ao cair da folha*. Porto: Sextante Editora, 2021. p. 101.

<sup>17</sup> COUTO, Fernando Couto. A propósito de um Cine-Clube na Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 3 de Maio de 1955, p. 3 e 6.

Mas o cinema ficar-lhe-ia também a dever, para além dos textos sobre o tema, uma outra iniciativa pioneira, que não teve qualquer eco junto das entidades locais: a criação de uma Cinemateca moçambicana. Em dois textos publicados na época, Fernando Couto debruça-se sobre esta iniciativa, alertando para o risco da perda de uma parte importante da memória local.<sup>18</sup>

Ao contrário do Cine-Clube, o “Centro de Cultura e Arte da Beira” teve uma gestação mais atribulada, já que a sua existência tem origem em duas instituições com propósitos semelhantes. Em 1954, muito provavelmente, surgiu o “Centro de Arte de Manica e Sofala” [CAMS], cuja ideia inicial terá sido influenciada pelos artistas plásticos locais. Entre os entusiastas, encontravam-se o Dr. Arez da Silva, médico; Lia Tavares, responsável da Biblioteca Municipal, já anteriormente aqui mencionada; o Dr. Falcão Sacadura, o Eng.º Amílcar Cruz e o maestro Tomás Firmino. A primeira actividade realizada, entre outras que viriam a ocorrer, foi a realização duma exposição individual do pintor João Ayres, apresentada no Salão Nobre da Câmara Municipal, em Janeiro de 1955, tendo a mesma sido encerrada com uma conferência do jornalista e poeta Nuno Bermudes, subordinada ao tema “João Ayres, artista do nosso tempo”. Entre as actividades programadas, ainda para 1956, encontravam-se a realização do 1.º Festival de Amadores de Teatro da Beira e o 1.º Salão dos Amadores de Artes Plásticas da Beira.<sup>19</sup>

Apesar dos estatutos do Centro de Arte estarem já redigidos em 1956, os mesmos nunca foram aprovados. Ainda em Fevereiro de 1959, uma comissão do “Centro de Arte” avistou-se na Beira com o governador-geral, comandante Correia de Barros, apresentando uma exposição com mais de uma centena de assinaturas, solicitando a sua aprovação. Apesar da boa-vontade expressa pela autoridade, a situação manteve-se no mesmo pé.<sup>20</sup>

Provavelmente, em resultado deste impasse, surge uma nova iniciativa, em tudo semelhante à anterior, designada por “Agrupamento Cultural da Beira”, posteriormente alterada para “Centro Cultural da Beira”, em Dezembro de 1958. Da sua comissão organizadora faziam parte Salinas de Moura, capitão António Machado, Pe. Ferreira da Silva, Dr. Luís Silva, Rafael Nunes de Carvalho, Carlos Lança, Lia Tavares e Cunha Pereira.

---

<sup>18</sup> Para quando a cinemateca de Moçambique? *In: Notícias da Beira*. Beira, 11 de Agosto de 1956, p. 38. Uma obra necessária e urgente: A cinemateca de Moçambique. *In: Notícias da Beira*. Beira, 25 de Dezembro de 1956, [s.p.].

<sup>19</sup> Sobre o Centro de Arte de Manica e Sofala: Uma aspiração legítima, por Arez da Silva. *In: Notícias da Beira*. Beira, nº especial, 11 de Agosto de 1956, p. 113.

<sup>20</sup> O sr. Governador-Geral recebeu o Centro de Arte de Manica e Sofala (em organização). *In: Notícias*. Lourenço Marques, 5 de Fevereiro de 1959, p. 5.



Esta nova colectividade, ainda em organização, iniciou a sua actividade apresentando-se às autoridades locais, visitando o encarregado do Governo e o bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende Seguidamente, enviou uma circular a cerca de 50 habitantes da cidade, interessados em “assuntos culturais e artísticos”, convidando-os a aderirem à colectividade, como sócios fundadores, enquanto eram redigidos os estatutos da associação. Posteriormente, aquando da visita do governador-geral à Beira, foi a mesma recebida pela respectiva comissão organizadora, tendo estado o melhor acolhimento.<sup>21</sup>

Mas seria exactamente a partir das reuniões entre os membros das duas associações e o governador-geral, que a imprensa local chamou a atenção para o facto de haver a necessidade da fusão das duas colectividades:

A Beira é uma cidade a que falta ainda muito para atingir as duas dezenas de milhar de pessoas civilizadas. Cresceu de forma extraordinária, mas falta-lhe o espírito que tão necessário é num ambiente onde impera, sobretudo, a questão material. Assistimos assim, com pena, a este dispersar de boas vontades, numa divisão incompreensível de elementos que reunidos num só núcleo, poderiam levar a efeito uma grandiosa obra.

Deste modo julgamos que, se todos reunissem e conjugassem os seus esforços - sem caminhar para fantasias que, naturalmente bem intencionadas, derem origem a descontentamentos pela forma exagerada como foram apresentadas, resultando daí a criação dum outro núcleo cultural - se todos, dizíamos, numa fusão bem dirigida, prática e com bases sólidas, estabelecessem um programa de acção eficiente, os resultados seriam os melhores.<sup>22</sup>

Na reunião que o “Centro Cultural da Beira” realizou, em 14 de Fevereiro, para discussão e aprovação dos estatutos, expôs-se a ideia duma aproximação com o Centro de Arte de Manica e Sofala, Esta questão foi levantada pelo capitão António Machado, Comissário de Polícia e membro do referido grupo, oferecendo-se este também a estabelecer contactos com elementos preponderantes do CAMS, com vista à fusão das duas associações. Dessas negociações entre as duas colectividades

---

<sup>21</sup> O Agrupamento Cultural da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 13 de Dezembro de 1958, p. 1-2. A Comissão Organizadora foi recebida pelo sr. Encarregado do Governo. *In: Notícias da Beira*. Beira, 20 de Dezembro de 1958, p. 1 e 7. Centro de Cultura da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 9 de Janeiro de 1959, p. 5 e 6. O Centro Cultural foi recebido pelo sr. Governador-Geral. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 5 de Fevereiro de 1959, p. 5.

<sup>22</sup> Centros de Cultura e Arte, por Divad. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 8 de Fevereiro de 1959, p. 5-6.

deveria nascer um terceiro organismo que incluísse os propósitos dos dois centros existentes, adoptando este último uma designação diferente.

A fusão das duas colectividades viria a ocorrer em Julho de 1959, tendo-se adoptado a designação de Centro de Cultura e Arte da Beira, tendo sido então constituída uma comissão organizadora: Salinas de Moura, director; capitão António Machado, Padre Ferreira da Silva, Nuno Bermudes, Eng<sup>o</sup> Amílcar Cruz, Fernando Couto e Ascêncio de Freitas, com o objectivo de proceder aos trabalhos preliminares relativos à sua acção efectiva.<sup>23</sup>

Os estatutos da colectividade viriam finalmente a ser aprovados pelas autoridades competentes em Novembro de 1959.<sup>24</sup>

Do ponto de vista estritamente literário, tiveram lugar algumas iniciativas pioneiras, tendo ultrapassado o âmbito da cidade, perante a inexistência duma verdadeira actividade editorial na colónia. Refiro-me explicitamente a duas colecções, uma de prosa e outra de poesia, coordenadas por Nuno Bermudes e Fernando Couto, respectivamente, tendo como editora a sociedade do jornal “Notícias da Beira”.

Estas duas colecções viriam a publicar alguns dos escritores e jornalistas que residiam em Moçambique, naquele momento mais em evidência, como eram: Orlando Mendes, Nuno Bermudes, Vieira Simões, Ascêncio de Freitas, Guilherme de Melo, Artur M. Costa, Fernando Couto, Rui Knopfli e Glória de Sant’Anna.

Esta iniciativa, claramente ambiciosa, vinha no seguimento das modificações que foram sendo introduzidas no jornal, com a sua passagem a bi-semanário e a criação também uma página literária e artística – *Das Artes e das Letras* – iniciada em princípios de 1952, por iniciativa de Nuno Bermudes. Esta página, que saiu intermitentemente até 1959, chegou a ser coordenada durante algum tempo por Fernando Couto e Cunha Pereira, já no último período da sua existência. Entre os nomes que participariam nesta página, para além dos coordenadores, podemos ainda mencionar Artur M. Costa, Mário de Oliveira, Vitoria Sotto Mayor Négrier, e os artistas plásticos Lobo Fernandes, José Pádua e Vagueiro Rocha. Ainda neste âmbito, o jornal tentou lançar um suplemento literário – *Janela para Outra Paisagem*, coordenada por Nuno Bermudes, cujo primeiro e único número saiu em 25 de Dezembro de 1956. Nele colaboraram, para além do coordenador, Fernando Couto,

---

<sup>23</sup> Teve lugar nos Paços do Concelho uma reunião do Centro Cultural da Beira para leitura e aprovação dos Estatutos pelos sócios fundadores. In: *Notícias*. Lourenço Marques, 16 de Fevereiro de 1959, p. 5 e 6. Foram aprovados os estatutos do Centro Cultural da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, 18 de Fevereiro de 1959, p. 3 e 5. Centro de Cultura e Arte da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, 13 de Julho de 1959, p. 5. Centro de Cultura e Arte da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, 25 de Novembro de 1959, p. 5.

<sup>24</sup> Foram aprovados os estatutos do Centro de Cultura e Arte da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, 25 de Novembro de 1959, p. 5.

Fernando Sant’Ana, Gomes de Freitas, Guilherme José de Melo, Ilídio Rocha, Luís de Serpa, Odete Santos e Rui da Nóbrega.

Ainda no âmbito literário, importa referir a existência de uma revista – *Paralelo 20* – de natureza cultural, artística e de divulgação técnica e científica, que se pretendia com uma periodicidade mensal. Tinha como director e editor o engenheiro químico Jerónimo de Oliveira, então director da Companhia de Cimentos de Moçambique mas, segundo Eugénio Lisboa, quem era o “motor de arranque, colaborador e “faz-tudo” era o capitão Forte Faria”.<sup>25</sup> Com todas as dificuldades que se podem imaginar, que não eram só de ordem material, o seu primeiro número saiu em Agosto de 1957, e o último, 10|11, em Fevereiro de 1961, tendo colaborado na mesma: José Oliveira da Silva, Eugénio Lisboa, Jorge Vila, Ascêncio Freitas, Fernando Couto, Reinaldo Ferreira, Artur Costa, José Craveirinha, Virgílio de Lemos. Águeda Ceita, Nuno Bermudes, Rui Knopfli, Carlos Lança, Marco António, Urgel dos Santos e Mário Bingre.

## Fernando Couto e o movimento literário beirense

Fernando Leite Couto [n. Rio Tinto, Gondomar, 16.04.1924 – f. Maputo, 10.01.2013] chegou à Beira em 28 de Fevereiro de 1953, a bordo do paquete “Pátria”, pertencente à então “Companhia Colonial de Navegação”.<sup>26</sup>

Aquando da sua chegada à cidade, Fernando Couto já não era totalmente desconhecido nas lides literárias, tendo começado muito novo a dedicar-se à poesia, sendo publicado pela primeira vez na secção literária “Estrela do Minho”, de Famalicão, e colaborado no “Globo” e “Mundo Literário” onde, por escolha de Casais Monteiro, foi o primeiro poeta inédito a publicar os seus trabalhos naquele periódico.

A estudar na cidade do Porto, e porque se vivia intensamente o fim do segundo conflito mundial, o poeta viria ainda a participar entusiasticamente da efervescência da época, que está na origem das grandes transformações políticas, sociais e económicas que então ocorriam, acrescida pelo “irrefreável entusiasmo” da sua juventude. Um dos locais frequentados pelo poeta era a cave do Café Rialto, no Porto, onde um “grupo de rapazes e raparigas vivia em constante euforia a maré alta do momento”. Nesse grupo, encontrava-se também o poeta Papiniano Carlos, “um moço tímido e sério”, já nascido em Moçambique.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> LISBOA, Eugénio. 2013, p. 68.

<sup>26</sup> A sua esposa, Maria de Jesus, e o seu filho mais velho, Fernando Amado, com 7 ou 8 meses de idade, chegariam meses depois, a 29 de Outubro do mesmo ano, a bordo do paquete “Império”.

<sup>27</sup> Notas de um diário, 10 de Março. *In: Notícias da Beira*. Beira, 22 de Março de 1958, p. 5 e 6.

Foi aí que li a imprensa francesa clandestina que era publicada escapando da censura da ocupação alemã. A poesia de resistência representada por esse mago que foi Aragon, por Éluard, Supervielle e outros seduziu-me a tal ponto, que em 1944, completei o meu primeiro livro, que ficou para sempre inédito e que se chama *Amada de Nome Indizível*.<sup>28</sup>

Na Beira, viria a empregar-se como despachante dos Caminhos de Ferro de Moçambique<sup>29</sup>, tendo-se tornado visível na imprensa local cerca de dois anos mais tarde, quando começa a publicar as primeiras crónicas no tri-semanário “Notícias da Beira”.

Estreia-se aí com um conjunto de seis crónicas, com o título geral de “Crónicas da Beira”, tendo saído a primeira, muito provavelmente, em finais de 1954.<sup>30</sup> Nas cerca de 40 crónicas publicadas neste periódico, até Janeiro de 1958, a quase totalidade tem como pano de fundo o cinema, dando notícia das actividades do recém-criado Cine-Clube, crítica cinematográfica e noticiário desta indústria, europeia e norte-americana.

Seria, porém, na página “DAS ARTES E DAS LETRAS”, numa secção criada na mesma – *A gente da Beira escreve...* –, onde Fernando Couto começará a dar-se a conhecer como poeta e a publicar outros textos de carácter literário, revelando-se também aí como tradutor de poesia de reconhecidos méritos.<sup>31</sup>

Nessa página, numa pretensa resposta a um jovem poeta, Fernando Couto, num texto raro, dará a conhecer o que era então para si a poesia:

---

<sup>28</sup> O poeta, por ele mesmo. In: *Uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.

<sup>29</sup> LISBOA, Eugénio. 2013, p. 53-54.

<sup>30</sup> Infelizmente, a Biblioteca Nacional de Moçambique não possui a sua coleção completa, pelo que não podemos confirmar exactamente isto que afirmamos. A segunda crónica sai logo em 1 de Janeiro de 1955 – “II - As pontes e o espírito fantástico”, pelo que nos faz supor que tenha sido assim.

<sup>31</sup> *Notícias da Beira*, Beira, 29 de Junho de 1957, p. 3.

*A gente da Beira escreve...*

Abrimos hoje na nossa página de Artes e Letras uma secção que vos é dedicada. A todos vós e a todas vós que escreveis por gosto ou por vício, por tendência ou por necessidade interior – como que uma válvula de escape – nós nos dirigimos com uma palavra de incitamento, de compreensão, de camaradagem.

Vinde até nós para arejarmos ideias comuns, debater problemas e trocar impressões. Mandai-nos os vossos originais que gostosamente publicaremos na página de Artes e Letras que passará a ser mais vossa do que nossa. Contribui vós, também, para o desenvolvimento da nossa terra, tendo em conta que uma cidade só é verdadeiramente grande quando a sua projecção material estiver de acordo com o seu nível intelectual e artístico.

É claro que v. é um jovem e um poeta. E por isso mesmo vou tentar responder às perguntas que faz, o melhor que me for possível, garantindo-lhe, porém, desde já, que as respostas não o satisfarão por completo o que também seja dito de passagem, eu não pretendo.

Que forma deve adoptar na sua poesia – eis uma pergunta, a primeira das que me dirigiu, que não merece uma resposta muito longa.

Todas as formas são boas, todas elas são, em princípio válidas e expressivas, moldáveis ou não, dependendo afinal do homem e do conteúdo que se lhe vazar. Até o soneto, essa forma que julgo extremamente difícil, até o soneto com o seu aspecto de colete de forças, pode apresentar-se como o casulo ideal de um deslumbrante bicho da seda.

No seu lugar, com esse temperamento indisciplinado, eu trataria de o evitar. A sua poesia afigura-se-me um rio caudaloso, incapaz de correr serenamente e à vontade entre margens cuidadosamente cimentadas à régua; daí, este conselho: o lirismo da sua poesia, de notável violência, exige um leito de margens baixas e livres, capazes de serem constantemente inundadas.

Pergunta-me v. Depois onde deve ir buscar assuntos para as suas poesias. Todos os assuntos são válidos, todos são actuais, todos encerram capacidade de comoção.

Encontram os verdadeiros poetas motivos de poesia em todos os lugares, em todas as atitudes, em todos os estados de alma, em todas as horas. Sente-se no café e conserve os olhos bem abertos e, ali mesmo, na perfeita pasmeira da Praça do Município nas tardes de domingo, v. Achará inúmeros motivos de poesia: nas andorinhas, na ausência de movimento, no velho cão pastor que dorme na esplanada, no antecipado entusiasmo dos que daí a umas horas sofrerão o relato do desafio de futebol na Metrópole, na fímbria de um vestido que esvoaça, no repuxo, nas bandeiras, nas conversas indecifráveis dos criados do café. Nas ruas, nesta época, há as flores de fogo das acácias, há magnólias, há buganvílias; na avenida, depois do S. Jorge, há as árvores podadas; no Chiveve, as garças, os pescadores, os flamingos; nas ruas o tédio, o desencanto dos que navegam à deriva sem saber como matar o tempo; e encontra a praia, e aí outra infinidade de motivos. Se os seus olhos estiverem bem abertos, carregados de vontade de amar v. Verá que motivos não faltam.

E a finalizar, vem a questão de saber se lhe será lícito descrever o mundo como que queria que ele fosse. Por mim, acho que tem esse direito, advindo-lhe esse direito como natural consequência do dever de cantar o mundo como o vê, de transmitir a recriação em que na sua poesia o fundiu. Também penso que tem obrigação de não perder o contacto com a terra. Se, descrevendo com palavras uma aldeia, o fizer à maneira de Marc Chagall na pintura, pode acontecer que as pessoas estruturalmente incapazes de uma pequena fuga dos domínios do chamado “bom senso” achem que se trate de tolices, mas não vá assustar-se, pois trata-se de um ligeiro atraso muito caracteristicamente burguês (atraso que não é seu). O mal não está em colocar uma vaca entre nuvens, ou em apresentar um respeitável senhor, em autêntica levitação, beijando por trás uma senhora; mal haveria, sim, se se enquadrasse a vaca num prado bem verdinho, bem bonitinho, ou se o respeitável senhor aparecesse como forma de Amor a despedir-se da Psyché, exactamente como foi costume representar-se durante séculos.

E, dado que pretende a sua poesia assente, num compromisso bem evidente, não julgue ser imprescindível nem urgente entrelinhá-la de estrofes da Marselha nem de descrições do género das letras dos fados. O desenrolar da História provou que, algumas vezes, os artistas menos interessados na sua modificação ofereceram um testemunho mais verdadeiro (logo, muito mais válido e mais capaz de conservar a actualidade) do que alguns chamados “engates”.

Resumindo: quando os dedos lhe estremecerem de imagens a construir, quando as palavras lhe ferirem a garganta à procura de saída, então deixe que elas saiam livremente e faça poesia. Depois, trabalhe como qualquer artífice apaixonado pelo seu ofício, aperfeiçoando com a sua requintada exigência o que saiu de jacto, até que tenha obtido musicalidade. E talvez então tenha conseguido produzir uma obra capaz de comover um seu semelhante. E então terá possivelmente feito poesia.<sup>32</sup>

A colaboração de Fernando Couto naquela página iniciou-se em 3 de Agosto de 1957, com a publicação duma crónica - “As vozes no deserto” – e de um poema – “Noivado”.<sup>33</sup> Provavelmente, este poema teria integrado o seu primeiro livro, já

---

<sup>32</sup> *Notícias da Beira*. Beira, 16 de Novembro de 1957, p. 5-6.

<sup>33</sup> Nessa altura, Nuno Bermudes encontrava-se no Brasil, desde Abril desse ano, a convite oficial da Casa do Estudante daquele país, tendo ali permanecido até à última semana de Agosto. Dessa viagem àquele país,

que o último verso do mesmo é exactamente igual ao título dessa obra – *Amada de Nome Indizível* –<sup>34</sup> e, ao contrário dos poemas que viria a publicar posteriormente na mesma página, este era formalmente diferente.

Finalmente, temos o prazer de apresentar-vos um nome que será desconhecido para vós como poeta - Fernando Couto, nosso camarada amigo - que nos oferece o seu poema “Noivado”, onde perpassa um quente sopro de lirismo numa composição arrojada e muito feliz.<sup>35</sup>

Durante o período que colaborou naquela página literária, o poeta publicará 28 poemas, sendo 20 poemas em prosa, assinados com o seu nome<sup>36</sup>. O género é relativamente antigo, tendo ressurgido nas primeiras décadas do século XX, quando os grandes movimentos de vanguarda, como o futurismo, o cubismo e o surrealismo dominavam, mas parece ter sido Fernando Couto a usá-lo em Moçambique, pela primeira vez. O uso repetido destes poemas, viriam a influenciar outros colaboradores desta secção, como Artur M. Costa, Cunha Pereira e Vitoria Sotto Mayor Négrier, que farão também experiências neste sentido.

Eugénio Lisboa dirá que a sua poesia estava “um pouco marcada pelas ideias neo-realistas”<sup>37</sup>, mas parece também claro que sofreu a influência dos poetas franceses de resistência, como ele próprio afirma. Para além de Paul Eluard, que o parece ter marcado para sempre, há um outro poeta que o influenciará nesta fase inicial. Fernando Couto refere-se várias vezes a Jacques Prevert, e chegou mesmo a traduzir e a publicar dois poemas seus nesta página – *Paris at Night* e *Quartier Libre*.<sup>38</sup>

Mas o que na sua poesia desde logo se evidencia é a excessiva presença dos elementos naturais e geográficos, mesmo quando abandona os poemas longos e claramente descritivos. O poeta afirmará, muitos anos depois, que o facto de ter

---

deixar-nos-á um livro – *Um machangane descobre o Rio* – resultado das crónicas publicadas no jornal sobre aquela viagem.

<sup>34</sup> Ver: Anexo 1.

<sup>35</sup> Breve apresentação de Fernando Couto, na página “Das Artes e das Letras”, de 3 de Agosto de 1957, sob o título “A gente da Beira escreve”.

<sup>36</sup> Estes poemas, assinados pelo autor, preenchem a colaboração do poeta naquela página, entre o período compreendido entre 3 de Agosto de 1957 e 6 de Junho de 1959.

<sup>37</sup> LISBOA, Eugénio. 2013, p. 53.

<sup>38</sup> Na primeira referência ao poeta francês, recomendava a leitura do livro *Paoles* [*Notícias da Beira*. Beira, 31 de Agosto de 1957, p. 5]. A segunda referência é a apresentação de dois poetas franceses – Paul Eluard e Jacques Prevert –, tendo traduzido dois poemas deste último [*Notícias da Beira*. Beira, 21 de Setembro de 1957, p. 5]. Finalmente, uma última referência para assinalar o êxito dum novo livro – *Poèmes de la Pluie et du beau temps* [*Notícias da Beira*. Beira, 15 de Março de 1958, p. 5 e 6].

nascido nos arredores da cidade do Porto, num “ambiente de arrabalde citadino e ainda de alguma ruralidade”, o terá tornado apaixonado pela natureza.<sup>39</sup>

Paralelamente à sua colaboração nesta página literária e artística, Fernando Couto participa ainda na mesma, assinando com um pseudónimo até agora desconhecido – RIO TINTO – localidade onde teria nascido. O primeiro texto, assim assinado, surge pela primeira vez, em 31 de Agosto de 1957, sendo usado até 22 de Março de 1958, provavelmente altura em que o poeta deixa de colaborar no “Notícias da Beira”, já que a partir desta altura o seu nome desaparece do periódico.

Com este pseudónimo, assina regularmente as “Notas de um diário”, onde dá fundamentalmente a conhecer o movimento editorial e literário, e os “Poemas utilitários”, que parecem ser uma alternativa aos poemas em prosa, assinados com o seu próprio nome. Fernando Couto procurava já outros caminhos para a sua poesia, com que viria a afirmar-se mais tarde, ainda que não pretendendo dar-lhes grande relevância, designando-os genericamente sob esse título, com um pendor claramente depreciativo. O primeiro poema, assinado com este pseudónimo, ainda não estava incluído neste conjunto de poemas, mas posteriormente, os 13 restantes, já se apresentavam assim.<sup>40</sup> E seria aqui que, pela primeira vez, o poeta tenta aproximar-se à realidade local, em dois pequenos poemas:

#### Nº 10 <sup>41</sup>

#### Adeus às garças do Chiveve

Um dia qualquer  
- quem sabe lá quando?  
oxalá seja amanhã! -  
a lunar paisagem  
do Chiveve<sup>42</sup> em maré baixa  
irá desaparecer.

E as intangíveis  
imponderáveis e etéreas  
plumas brancas das margens

---

<sup>39</sup> O poeta, por ele mesmo. *In: Uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.

<sup>40</sup> Ver: Anexo 3.

<sup>41</sup> *Notícias da Beira*. Beira, 4 de Janeiro de 1958, p. 5

<sup>42</sup> Importa esclarecer que o Chiveve é um “rio de marés” que percorre a cidade da Beira e que marca a fisionomia da cidade até hoje. Actualmente, este braço do mar e as suas margens, estão incluídos num “Parque Verde”, recentemente inaugurado.



– as garças  
os anjos brancos da morte –  
irão embora para longe daqui

Não importa  
Irei vê-las mais longe.

## Nº 11 **American Sailor**

O barco tocou em terra  
e o Jim desceu no cais.  
A troco de dólares  
esvaziou a solidão  
e encheu-se de cerveja.

E quando caiu à lama do Chiveve  
ou adormeceu num passeio qualquer  
encomendou a solidão às estrelas  
esperando acordar vazio e leve.

Durante um ano não encontramos qualquer notícia ou colaboração sua nas páginas da imprensa local. Será no ano seguinte, em Março de 1959, que tomamos conhecimento da sua nomeação para a redacção do matutino “Notícias”, na sua delegação na Beira.<sup>43</sup> Dois meses mais tarde, ocorre o lançamento do seu primeiro livro de poemas - *Poemas junto à fronteira* - com capa de Vagueiro Rocha, sendo composto e impresso nas oficinas do “Notícias da Beira”.<sup>44</sup> A justificação do título dar-nos-ia depois:

*Poemas junto à fronteira*, respondia a uma crença de que o Mundo vivia um momento de transição que já tardava, já era mais utopia do que crença justificada: não chegou a transpor a fronteira que o levaria a uma vivência de humanidade mais justa, mais fraterna.<sup>45</sup>

O ano de 1959 abrirá caminho: um novo ciclo.

---

<sup>43</sup> *Notícias*. Lourenço Marques, 4 de Março de 1959, p. 5.

<sup>44</sup> *Poemas junto à fronteira*: Um livro do nosso camarada Fernando Couto. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 14 de Maio de 1959, p. 5. *Poemas junto à fronteira*: Um livro de Fernando Couto. *In: Notícias da Beira*. Beira, 16 de Maio de 1959, p. 1.

<sup>45</sup> O poeta, por ele mesmo. *In: Uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.

## Anexo 1

### NOIVADO

Vem dos cumes ou das ravinas  
do mar ou das montanhas  
vem do sol ou das chuvadas  
dos trovões ou das calmarias  
vem da lua ou das estrelas  
vem dos longos desertos caminhos  
vem das grandes estradas largas  
vem algemada eu te libertarei  
vem alada serei teu escravo  
vem furibunda e o mar calará  
vem muda terás a voz dos poetas  
vem da manhã ou da escuridão  
vem do Saara ou de Nova Iorque  
vem gelada ou vem ardente  
vem dos vales ou planaltos  
vem não importa donde  
vem não importa que nua  
mas vem hoje ainda

Não venhas nós iremos buscar-te  
ó minha amada de nome indizível.

*(Notícias da Beira. Beira, 3 de Agosto de 1957, p. 4)*

## Anexo 2

### A FLORESTA DOS MORTOS

(Poema em prosa)

Durante anos, impaciente, mas fecundo de esperanças, aguardei a tua carta, na certeza de que ela viria estabelecer uma curva no meu destino.

E agora, que a tua carta chegou, eis-me sereno, sem esperanças e sem projectos, tão calmo e desesperado que nem sequer a abri. De resto, imediatamente e sem custo, adivinhei tudo quanto escreveste, previ mesmo as expressões que usaste, acertando até com as imagens empregadas para descrever o nosso longínquo passado.

A tua carta falará, certamente, desse curto período de tempo que findou há 8 anos. E dirás que não esqueces, que não poderás esquecer por mais que vivas, que não é possível adiar por mais tempo a realização da esperança.

Perguntarás, com essa espantosa inocência de mulher que não acredita noutra coisa, se o meu afecto ainda perdura tão resoluto e alucinado como era nos nossos vinte anos.

E ficarás, numa trágica expectativa, a marcar os dias de espera da minha resposta, ou até mais do que isso, o meu regresso.

Como se eu pudesse regressar, minha pobre querida! Como se o retorno fosse permitido! Ou mesmo fosse permitido responder-te!... Porque eu não respondo à tua carta. O meu amor não consente que te magoe com a resposta: continuarás, minha querida, a viver na esperança.

Não, não deixei de te amar. Considero absurda essa pergunta. Essa e a outra. Como é possível deixar de amar, como é possível esquecer? Quem há que possa esquecer? Essa magnífica comodidade moral e afectiva – o esquecimento – é vedada ao género humano. A única resposta válida para o teu maravilhoso convite, a única capaz de não trair o nosso amor, consiste na irremediável constatação de que tudo isso pertence definitivamente ao passado. E o passado forma uma fronteira intransponível, é uma pantanosa floresta de mortos em constante crescimento, impenetrável aos que não apresentem o santo e senha da morte - morte provisória embora, mas nem por isso menos fatal.

Repara bem em ti quando te pões a evocar. Vê se consegues desdobrar-te, ver-te com os olhos colocados aquém desta linha, conservar-te lúcida e sem aderires por completo à mulher que vai pela floresta dentro.

Os pinheiros e os carvalhos, os caminhos e rochedos, as nascentes e as flores selvagens, as nuvens e o ribeiro, a neve e a primavera, as clareiras e as sombras das bouças - todo o majestoso cenário onde viveu o nosso amor - enganam-te com a sua quietude eterna, com a sua inabalável indiferença. São os mesmos, rigorosamente imutáveis, apesar das diferenças que conseguires notar. Até os coelhos e as perdizes, as cigarras e as formigas, até os pastores e as ovelhas, até a cabana do lenhador e o nosso penedo escavado, ficaram imóveis, paralisados no tempo e no espaço, inteiramente ao teu alcance e dispor. E tu serás o mesmo inexplicável, maravilhoso poema, que eras com os teus vinte anos: longos olhos a escurecer todo um rosto branco e róseo, uma expressão vária como um céu nublado em dia de vento, um corpo tão suave e quente como um ninho, tão belo e fresco como a água do ribeiro, tão distante e frio como a linha azulada da serra em frente, tão frágil e próximo coroa margaridas com que costumavas enfeitar os cabelos.

Talvez, nesse instante, o teu rosto, afogueado pela escalada, contraste com a brancura do cachecol que te envolve o rosto, se for inverno; talvez tragas nas mãos glicínias ou violetas, se for de primavera; talvez fiques sentada, silenciosa, de olhos rasgados sobre a planície; talvez sorrias, deitada nos fetos, a ouvir o magado canto dos pastores; talvez te escondas de encontro à acácia, tentando adivinhar se é o meu o ruído dos passos; talvez o teu corpo seja a mais irrequieta das ondas nesse mar de tormenta e gozo que vivemos no nosso escavado rochedo; talvez fites o ribeiro enquanto me perguntas, numa emoção toda contida, para quando procedermos como os outros.

Tudo isso, porém, é, minha querida, o irremediável passado, tudo isso constitui a mágica floresta dos mortos: tentássemos, num gesto insensato, ir lá e tocar-lhe, e tudo se pulverizaria, tudo entraria em decomposição, tudo assumiria um aspecto ainda mais doloroso do que esta renúncia. E, quando lá nos encontrássemos face a face, iríamos sentir que não poderíamos jamais perdoar-nos.

Mesmo se agora te escrevesse, talvez fosse apenas a explicar-te o motivo profundo e autêntico da separação de há oito anos. Explicar-te-ia tudo: a minha fuga, o meu silêncio, a minha desesperada e ardente expectativa de que ainda viesses. Perguntar-te-ia se te lembras dos montantes, dos seus tiros de dinamite, lá acima do nosso abrigo. E tu recordarias, de súbito, aquela explosão tremenda, que fez rolar um penedo em direcção ao nosso esconderijo. Talvez então compreendesses o irreparável erro cometido, talvez agora compreendesses que a única solução para a sobrevivência do nosso

amor seria permanecer, permanecer para sempre, solidariamente esmagados com o nosso abrigo. E, porque fugimos, passámos a fronteira do passado, entrámos na floresta dos mortos...

\*

Querida, isto é impossível, é falso, é monstruoso! Eu vou, vou imediatamente, espera-me no primeiro transporte!...

(*Notícias da Beira*. Beira, nº especial, Agosto de 1957, p. 39 e p. 41)

## Anexo 3

### O IRMÃO DESCONHECIDO

Caminho nas ruas  
ao teu lado  
irmão desconhecido  
leio os teus jornais  
fumo os teus cigarros  
aprecio as mulheres  
e desapareço como cheguei  
de repente sem dizer nada  
ao voltar de uma esquina.

Sento-me ao teu lado  
no café no escritório  
no cinema na tua cama  
falo e fico a ouvir-te  
e vejo assombrado  
cheio de amargura  
que não falamos a mesma língua.

Trocamos cigarros e jornais  
selos usados e amabilidades  
sorrimos à mesma rapariga  
apreciamos devagar a chávena de café  
morremos ambos de fadiga

e vejo de repente que o teu sangue  
é aguado e triste isento de rancor  
incapaz de se misturar com o meu  
no mesmo charco na mesma barricada.

(*Notícias da Beira*. Beira, 23 de Novembro de 1957, p. 5)